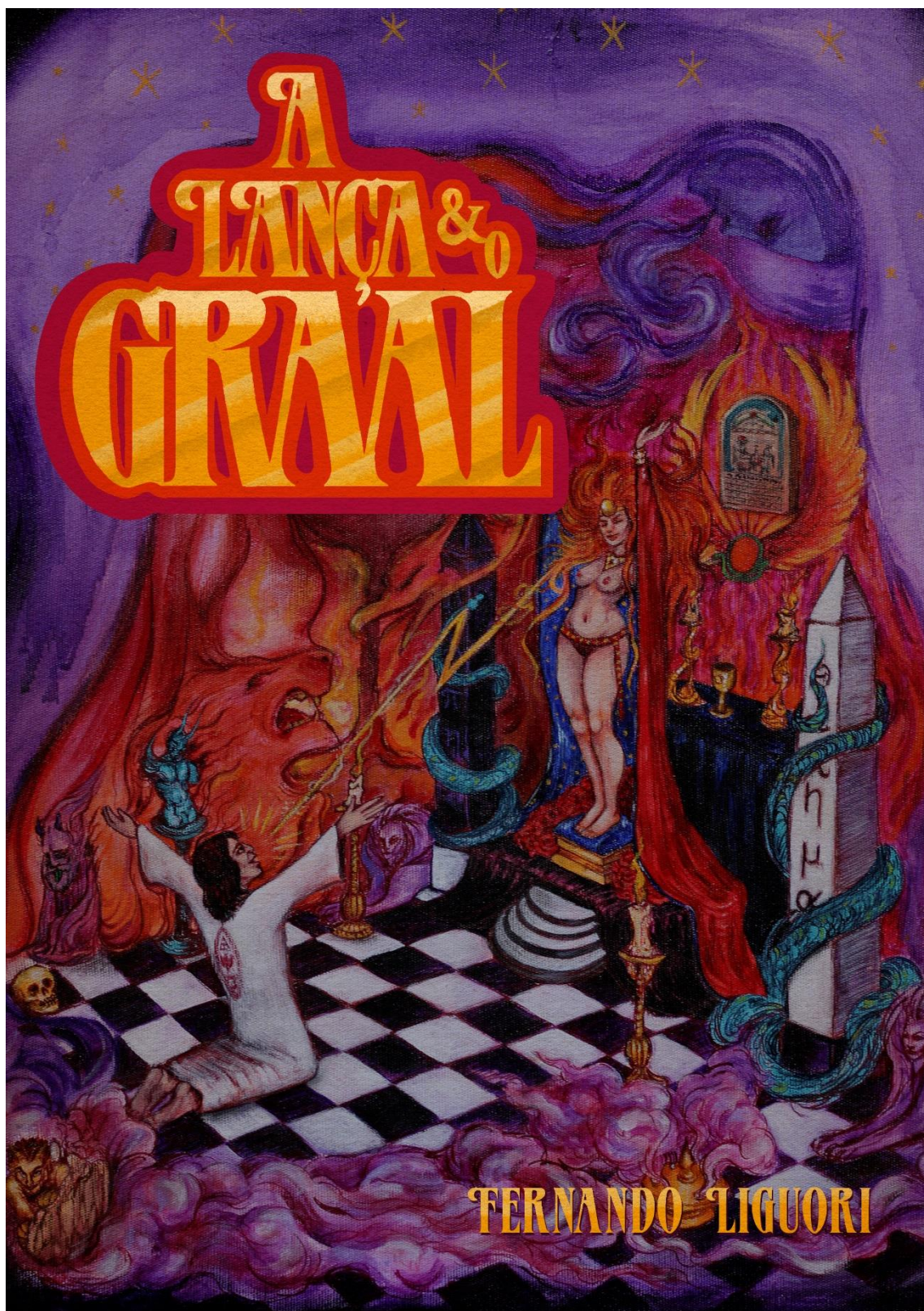






FERNANDO LIGUORI

# FEMINISMO, A PALAVRA PERDIDA & A DISSOLUÇÃO DA IMAGO

DA SÉRIE: A LANÇA & O GRAAL

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*



m 1887, Crowley publicou seu primeiro poema em uma revista intitulada THE CHRISTIAN:

Sou um homem cego em um navio sem leme,  
Sem bússola, em um mar tempestuoso;  
Não posso afundar, pois Deus me sustenta;  
Não posso me desviar; é Deus quem me guia.

Se o Deus que guiava o jovem Aleister era uma entidade disposta a ensinar os caminhos do bem ou os desígnios do mal, é uma questão que escapa à resposta objetiva – e repousa inteiramente na perspectiva daquele que ousa interpretar sua jornada. A biografia de Crowley, como sua própria obra, é um labirinto de espelhos simbólicos onde o significado se transmuta conforme o ângulo da observação e o grau de iniciação do observador. É precisamente esse caráter ambíguo que o próprio Crowley reconhece quando escreve, em um de seus momentos de maior introspecção: *Eu estava na luta mortal com o eu: Deus e Satanás lutaram por minha alma durante aquelas três longas horas. Deus venceu — agora só me resta uma dúvida: qual dos dois era Deus?*<sup>1</sup>

Essa frase, que para o leigo pode soar como provocação ou ironia blasfema, é na verdade uma síntese cabal de uma experiência mística profunda, onde os arquétipos do bem e do mal – tão rigidamente fixados na moralidade judaico-cristã – são dissolvidos nas águas do Abismo. A luta entre Deus e o Diabo, no drama de Crowley, não se passa no firmamento das crenças

---

<sup>1</sup> Aleister Crowley, AS CONFISSÕES DE ALEISTER CROWLEY. Editora NTN, 2022, pp. 34-5.

externas, mas no interior do próprio ser: um combate entre duas potências cósmicas que reivindicam o trono da consciência.

É por isso que, ao longo de toda a obra de Crowley, e também nos rituais iniciáticos da *Ordo Templi Orientis* – especialmente nos documentos reservados aos graus superiores – os nomes de Deus, Satanás e Jesus aparecem com frequência e intensidade. Eles são evocados não como figuras dogmáticas de culto, mas como símbolos vibrantes, ferramentas linguísticas de uma alquimia espiritual que busca transcender os pares de opostos.

Ignorar esse fato seria ingenuidade ou má-fé. Mas a questão permanece em aberto, com a intensidade de uma ferida iniciática: *quem é Deus, afinal?* E mais ainda – quem é o Satanás que desafia esse Deus? Quem é o Jesus que intercede entre ambos? A resposta não está nos púlpitos da ortodoxia nem nos catecismos das religiões moribundas.<sup>2</sup> Não está nas doutrinas trêmulas das igrejas que apodrecem sob o peso de seus próprios dogmas, como o Catolicismo medievalizado ou as seitas evangélicas de histeria popular.

Aqueles que se escandalizam ao ouvir tais nomes nos textos de Crowley fariam bem em suspender o julgamento. Antes de instituí-lo como um impostor, um herege ou um louco, deveriam se perguntar: *o que ele está realmente dizendo?* Pois chamar de *Deus* a potência que despedaça o Ego para revelar o Eu Verdadeiro, ou invocar *Satanás* como nome iniciático do adversário interior que conduz ao fogo da transmutação, são gestos legítimos dentro de uma tradição esotérica que remonta aos gnósticos, alquimistas e magos do passado.

Mais perigoso do que invocar nomes proibidos é afundar-se na lama espessa das interpretações herdadas – aquela sopa quente de ignorância que nos foi servida na infância e que, ainda hoje, molda nossos reflexos emocionais diante do Sagrado. É preciso desaprender, desapegar, descer ao inferno do próprio inconsciente e queimar os ídolos herdados no fogo da experiência. Pois o verdadeiro Adepto sabe: os nomes são véus, as imagens são sombras, e apenas o Silêncio conhece a verdade do Nome que não se diz.

Como o próprio Crowley declarou em *DE ARTE MAGICA*, ao tratar da magia sexual, sua obra não pretendia ser um compêndio dogmático, mas a expressão pessoal de uma visão profunda sobre o uso apropriado de um arcano que, até então, permanecia velado aos olhos profanos. Ele assim escreveu: *próprias ideias quanto ao uso correto dela, com outros assuntos pertinentes, pensando que aqueles em cujas mãos possa cair, assim compreendam mais plenamente a importância absoluta desse Segredo*<sup>3</sup> – deixando claro que o Livro é uma tocha acesa nas mãos de quem já trilha a senda. O Segredo aqui invocado não é apenas uma técnica, mas uma chave, uma fórmula viva, cuja transmissão exige não apenas palavras, mas sangue, carne e espírito.

---

<sup>2</sup> Crowley disse: *E embora o nome de Jesus Cristo tenha sido universalmente blasfemado pelos cristãos, ainda assim seu Nome foi reconhecido pelos verdadeiros Irmãos da Rosa-Cruz: e aquilo que está escrito d'Ele nos Evangelhos, nas Epístolas e no Apocalipse é verdadeiro – se for interpretado à luz pelos Adeptos da Pedra.* Francis King, *THE SECRET RITUALS OF THE O.T.O. LIBER AGAPE VEL LIBER C VEL AZOTH*, (100). Daniel Co. Ltd., pp. 217.

<sup>3</sup> Fernando Liguori. *RITUAIS, DOCUMENTOS & A MAGIA SEXUAL DA O.T.O.* Vol. I (primeira edição). Clube de Autores, 2015.

Inspirado por esse princípio – e inteiramente fiel à sua intenção –, afirmo que o que se segue nestas páginas é, igualmente, a minha formulação pessoal dos princípios da magia fálica conforme foram revelados por Crowley. Tê-los tornado meus, reconfigurando-os à luz da minha própria experiência, não é apropriação, mas continuidade viva da tradição. Todo autor que pisa este território – o território do IXº Grau – o faz. Poucos, no entanto, têm a franqueza de admiti-lo. E menos ainda a competência de instituí-los em verdade viva.

J.F.C.Fuller (1878–1966),<sup>4</sup> um dos mais dedicados discípulos de Crowley, tocou o cerne do enigma quando escreveu: *Eis agora a questão suprema: Como esse mistério interior é revelado? E a resposta é: No Oriente, pelo Yoga; no Ocidente, pela Magia.*<sup>5</sup> A fórmula, em sua beleza sintética, é incontestável. Mas Crowley foi além: ele discerniu que a integração dessas vias é indispensável ao Adepto que deseja operar adequadamente os Arcanos do IXº O.T.O. Não basta inclinar-se a um lado da Árvore: é preciso abraçar a sua totalidade. Assim, ele escreve com precisão cirúrgica: *Usar esse segredo com vantagem implica domínio tanto do Yoga quanto da Magia; mas nenhum dos dois é ensinado na Ordem.*<sup>6</sup>

Esta advertência final, paradoxal à primeira vista, é uma senha para o verdadeiro Iniciado. A Ordem entrega o Segredo – mas não os meios. A Semente é oferecida – mas o cultivo é obra pessoal. O domínio do *yoga* é o domínio do corpo sutil; o domínio da magia, na estrita interpretação thelêmica, é o domínio da imaginação ritual. Ambos são necessários. Pois somente aquele que conhece a alquimia do Êxtase e da Vontade, da Respiração e do Fogo, poderá acender, no altar da carne, a Estrela que não se apaga.

Nem o *yoga* nem a magia, em seu sentido técnico e iniciático, são ensinadas diretamente pela O.T.O. São duas disciplinas vastas, cheias de tradições, linhagens e conhecimentos fragmentários. Isso levanta a questão

---

<sup>4</sup> John Frederick Charles Fuller foi um oficial britânico, estrategista militar, historiador e autor prolífico, nascido em 1º de setembro de 1878 em Chichester, West Sussex, Inglaterra, e falecido em 10 de fevereiro de 1966, em Falmouth, Cornualha. Graduiu-se na Royal Military Academy de Sandhurst e teve uma carreira destacada no Exército Britânico, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, na qual se notabilizou como um dos principais teóricos do uso de tanques em combate. Fuller é amplamente reconhecido por seu papel no desenvolvimento da doutrina de guerra mecanizada, sendo um dos primeiros estrategistas a antecipar o tipo de guerra relâmpago que se tornaria famosa na Segunda Guerra Mundial.

Paralelamente à sua carreira militar, Fuller mergulhou profundamente no *Ocultismo* e na filosofia esotérica. Foi membro da A·A·A· e discípulo direto de Aleister Crowley, a quem inicialmente considerou como mestre espiritual. Participou ativamente do desenvolvimento da filosofia de Thelema e foi autor de ensaios interpretativos sobre a obra de Crowley. Sua obra *THE STAR IN THE WEST* (1907) é uma defesa magistral da missão profética de Crowley e rendeu-lhe o primeiro prêmio em um concurso promovido pelo próprio Crowley para selecionar seu principal apologista.

Embora mais tarde tenha se distanciado do círculo ocultista de Crowley, o pensamento de Fuller manteve a marca da disciplina mágica e da busca pela síntese entre o Oriente e o Ocidente. É dele a afirmação célebre: *Agora vem a questão suprema: como esse mistério interior é revelado? E a resposta é: no Oriente, pelo Yoga; no Ocidente, pela Magia* – frase que sintetiza a essência da espiritualidade ocidental moderna como um processo de integração entre as vias contemplativa e operativa.

Ao longo da vida, Fuller publicou mais de 45 livros e 100 artigos, influenciando tanto o pensamento militar quanto o *Ocultismo* moderno. Sua abordagem erudita, aliada à experiência prática no campo de batalha e no templo iniciático, tornou sua obra uma ponte rara entre estratégia, misticismo e filosofia histórica.

<sup>5</sup> J.F.C.Fuller. *THE STAR IN THE WEST*. Forgotten Books, 2018, pp. 217.

<sup>6</sup> Aleister Crowley. *MAGIA SEM LÁGRIMAS*. Clube de Autores, 2024, pp. 427.

inevitável: por onde começar? Deveríamos simplesmente ler tudo e esperar que a síntese surja espontaneamente? A resposta, para os que se dispõem a trilhar o caminho thelêmico seriamente, começa com o *rājayoga* – mais precisamente, com os primeiros membros do sistema clássico de Patañjali (*aṣṭāṅga-yoga*). Esses membros fornecem as fundações para compreender os princípios de moralidade, castidade e divindade, sem os quais o arcano da magia sexual do IXº permanece vedado.

Mas ao ingressar na via mágica, será inevitável aprender também a fisiologia oculta do corpo humano: como funciona, onde e como se dá a circulação da força vital, como os fluídos corpóreos são sublimados ou degradados em função da vontade. Esses requisitos não são arbitrários. Quando plenamente compreendidos – e, mais importante, *vividos* como disciplina permanente –, tornam-se o alicerce sem o qual os rituais do IXº não passam de representação teatral. A magia sexual não é um receituário do tipo *leia este livro e execute tal fórmula*, mas um *estilo de vida*, uma cosmologia vibracional encarnada nos atos, nos pensamentos e, sobretudo, na qualidade da consciência. Como dizemos na Quimbanda: *tudo é mensurado em quantitativos energéticos*.

É necessário, porém, esclarecer um ponto delicado: ao dizer que a magia sexual thelêmica é para homens, não se trata aqui de estabelecer qualquer domínio masculino sobre o feminino, nem de propor qualquer retorno a modelos patriarcais. O objetivo é oferecer ao homem uma nova maneira de se relacionar com o mistério fálico. Isso não significa que as mulheres devam ser excluídas ou desinteressadas. Ainda que Crowley tenha dito que *o Nono Grau não é tão fácil de ser tornado eficaz pelas iniciadas do sexo feminino*,<sup>7</sup> é inegável que a operação mágica exige mulheres fortes e conscientes. No entanto, como ele mesmo reforça: *nem mesmo a Intenção da Sacerdotisa, por mais elevada que seja sua iniciação, substitui esse Poder essencial do Sacerdote sobre aquilo do qual ele é apenas o veículo e o guardião*.<sup>8</sup> Em outras palavras, o homem porta o *Leão alquímico* – uma potência axial que a mulher não manifesta naturalmente. E esse Leão, para ser eficaz, *deve estar submetido à Vontade Iniciada do Sacerdote*.<sup>9</sup>

É compreensível que tais afirmações sejam desconfortáveis para a sensibilidade moderna, especialmente diante do avanço do feminismo – movimento cuja relevância histórica não se nega, mas que, como toda ideologia, tende a distorções extremas. O risco é que se substitua a repressão pela recusa, e a tradição pela negação pura. Algumas mulheres preferem permanecer lendas em suas próprias mentes a confrontar seriamente os arcanos da magia fálica.

Crowley, aliás, já havia enfrentado a resistência feminista em sua época. Por volta de 1910, foi acusado de procurar meios para *detê-la, pois o progresso do feminismo ameaçava a Arte*<sup>10</sup> – sendo *Arte* aqui um eufemismo para a

---

<sup>7</sup> Aleister Crowley. MAGIA SEM LÁGRIMAS. Clube de Autores, 2024, pp. 292.

<sup>8</sup> Aleister Crowley. Carta a Charles Stansfeld Jones, c. 1916. Reproduzida em THE EQUINOX III:10, 1986, pp. 116

<sup>9</sup> Heinrich Tränker. Carta a Charles Stansfeld Jones, 1924. Arquivos da Pansophia Verlag, Leipzig.

<sup>10</sup> Aleister Crowley, AS CONFISSÕES DE ALEISTER CROWLEY. Editora NTN, 2022, pp. 502.

Maçonaria esotérica. Ele observou que, *tendo sido perdido o sentido original do 3º Grau, os maçons ortodoxos não sabem mais explicar por que as mulheres não podem ser Mestres Maçons*.<sup>11</sup> Em carta<sup>12</sup> a Charles Stansfeld Jones, revela que o nome MAS-ON contém dois arcanos: a fórmula mágica ON (a união do princípio masculino e feminino), e a palavra latina MAS, que significa *macho* – indicando a centralidade do falo no simbolismo iniciático da Maçonaria.

A exclusão das mulheres, portanto, não seria fruto de preconceito, mas de estrutura simbólica: sem um pênis, como poderia a mulher compreender ou operar os mistérios maçônicos? Essa era também a posição de Heinrich Tränker (1880-1956)<sup>13</sup>, que afirmou em 1924 a Jones: *Nunca uma mulher foi iniciada nos Grandes Mistérios – isso simplesmente não pode ser feito [...], e acrescentou: as tentativas já feitas não trouxeram nada de bom*.<sup>14</sup>

Não se trata aqui de um julgamento de valor entre homem e mulher, mas da constatação de que o IXº é uma fórmula mágica *fálica*, e que sua compreensão exige o que a tradição oculta chamava de *instrumento adequado*. Esse *instrumento* não é apenas anatômico, mas simbólico, energético, e deve estar consagrado pela Vontade. A mulher possui outros mistérios. O homem, neste caso, é o portador de um *segredo solar* que não se comunica senão através do rito.

Para evitar conflitos relacionados à ausência de ensinamentos especificamente femininos nos graus da *Ordo Templi Orientis*, Aleister Crowley propôs uma solução prática, mencionada em correspondência com Charles Stansfeld Jones. A medida consistia em *manter os homens e as mulheres separados até o Quinto Grau*.<sup>15</sup> A partir desse ponto, era considerado apropriado – sobretudo para os mais atentos entre os homens – discutir abertamente temas ligados à sexualidade iniciática. Foi exatamente nessa ocasião que Crowley iniciou Jones nos fundamentos da magia fálica, particularmente no que se refere à natureza esotérica da *Palavra Perdida* e à

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Aleister Crowley a Charles Stansfeld Jones, 15 de fevereiro de 1914. Citada em J. Edward Cornelius. THE CULT OF ALEISTER CROWLEY: BEING A TRUE HISTORY OF THELEMA FROM IT'S BEGINNING UNTIL THE PRESENT. Publicação privada, 2021, pp. 126.

<sup>13</sup> Heinrich Tränker foi um ocultista, editor e líder esotérico alemão, nascido em 23 de agosto de 1880, em Waldenburg, Silésia (então Império Alemão), e falecido em 22 de novembro de 1956, em Leipzig, Alemanha Oriental. Figura central do renascimento esotérico alemão do início do Séc. XX, Tränker foi Grão-Mestre da Pansophia Fraternitas, ordem fundada com o intuito de unificar as correntes da teosofia, da alquimia, da Rosa-Cruz e do hermetismo cristão sob uma estrutura iniciática pansófica. Como editor da *Pansophia Verlag*, foi responsável pela publicação de importantes obras hermeticistas e cabalísticas, desempenhando papel fundamental na formação da cena ocultista germânica do período de Weimar. Entre 1921 e 1925, Tränker também deteve o Xº Grau da *Ordo Templi Orientis*, conferido por Theodor Reuss, o então O.H.O. da ordem, integrando-se formalmente à corrente thelêmica por meio da linhagem direta da O.T.O.

Sua relação com Aleister Crowley foi marcada tanto por entusiasmo quanto por conflito. Em 1925, Tränker organizou a conferência de Weida, onde considerou proclamar Crowley como chefe de uma federação internacional de ordens esotéricas. Contudo, o contraste entre sua visão pansófica – enraizada em valores cristãos, éticos e filosóficos tradicionais – e a doutrina radical de Thelema, com sua ênfase na Vontade, na magia sexual e na superação dos dualismos morais, revelou-se irreconciliável. Tränker rompeu publicamente com Crowley e recusou a integração definitiva da Pansophia com a O.T.O. Apesar disso, sua trajetória deixa um legado singular: a tentativa mais sistemática de conciliar a tradição rosacruziana germânica com a revolução espiritual do Séc. XX, em um momento crucial da história do esoterismo ocidental.

<sup>14</sup> Heinrich Tränker. Carta a Charles Stansfeld Jones, 1924. Arquivo da *Pansophia Verlag*.

<sup>15</sup> Aleister Crowley. Carta a Charles Stansfeld Jones em 7 de março de 1919. Citada em J. Edward Cornelius. THE SECRET SEXUAL TEACHINGS OF ALEISTER CROWLEY. Publicação privada, 2023, pp. 30.

identidade oculta do *Um Deus Verdadeiro*, mencionado em todas as iniciações da O.T.O.

Segundo a tradição maçônica, outrora existiu uma *Palavra* de veneração universal, cujo verdadeiro Nome foi perdido após a queda da Torre de Babel. Em seu lugar, adotou-se temporariamente o nome composto JAHBULON, que hoje é amplamente discutido tanto em contextos maçônicos quanto esotéricos. Para Crowley, compreender a *Palavra Perdida* significa também compreender o princípio fálico oculto por trás da ideia do Um Deus Verdadeiro – uma concepção que, para ele, exige desconstrução filosófica e precisão conceitual.

Em carta, ao receber de um interlocutor uma referência direta à palavra Deus, Crowley responde de forma crítica:

Você quis dizer «Algo que me parece o símbolo mais perfeito de tudo aquilo que amo, venero, admiro» – todo esse conjunto de verbos.

Mas ninguém mais terá esse mesmo conjunto de qualidades em seu museu privado; você fez – como sempre foi feito – mais um Deus à sua própria imagem [...].

Pior ainda, o que quer que você queira dizer com «Deus» não transmite nenhuma ideia para mim: só posso adivinhar com base no meu conhecimento extremamente limitado de você e de seus hábitos gerais de pensamento e ação.<sup>16</sup>

Em outro momento, reafirma essa posição ao declarar:

Quanto à sua pergunta sobre Deus, é muito difícil instituí-la [...]. Tudo depende da definição da palavra «Deus». Mas mantenho minha afirmação de que existem seres cuja inteligência e poder são de uma qualidade muito superior a tudo que possamos conceber como humano.

Esse é o silogismo que torna a Magia imperativa – ou entramos em contato com tais inteligências, ou desenvolvemos em nossas próprias mentes qualidades dessa mesma natureza.

A própria existência do universo é prova de que isso deve ser assim.

Resumindo: a Magia é o trabalho de entrar em contato com esses Seres; o Misticismo é o trabalho de desenvolver a mente até um estado equivalente.<sup>17</sup>

Tal formulação ecoa os ensinamentos do ZOHAR, texto fundamental da Kabbalah judaica, segundo o qual *O Todo é informe, e é simbolizado por um círculo – é o Nada*.<sup>18</sup> A O.T.O., especialmente em seus graus superiores, aprofunda essa noção ao ensinar que *Deus não é alguém que nossas mentes possam apreender; e, embora nossos corações se dissolvam em amor, não podemos atingi-lo*,<sup>19</sup> acrescentando ainda que *Deus nunca pode ser conhecido*.<sup>20</sup>

Essa concepção encontra ressonância na distinção feita entre o *Deus* com «G» (de *God*) maiúsculo e os deuses criadores com «g» minúsculo. Gerald York (1901-1933)<sup>21</sup> diz:

---

<sup>16</sup> Aleister Crowley. *MAGIA SEM LÁGRIMAS*. Clube de Autores, 2024, pp. 268.

<sup>17</sup> Aleister Crowley. *MAGIA SEM LÁGRIMAS*. Clube de Autores, 2024, pp. 98-9.

<sup>18</sup> J.F.C.Fuller. *THE STAR IN THE WEST*. Forgotten Books, 2018, pp. 251.

<sup>19</sup> Francis King, *THE SECRET RITUALS OF THE O.T.O. LIBER AGAPE VEL LIBER C VEL AZOTH*, (100). Daniel Co. Ltd., pp. 216.

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 2017.

<sup>21</sup> Gerald Joseph Yorke foi um escritor, ocultista e estudioso britânico, nascido em 10 de dezembro de 1901, em Lansdowne, Índia Britânica, e falecido em 29 de abril de 1983, em Hinton Charterhouse, Inglaterra. Membro da aristocracia inglesa e oficial do Exército Britânico, Yorke tornou-se uma das figuras mais importantes da preservação e documentação do legado de Aleister Crowley, a quem conheceu pessoalmente e com quem manteve uma estreita colaboração nos anos 1930. Foi iniciado na A.∴A.∴ e atuou como agente editorial, discípulo

Deus com «G» maiúsculo é considerado a causa de tudo, o Primeiro Princípio, e é destituído de atributos, não sendo nem masculino nem feminino, mas origem de ambos.

O criador do universo, por outro lado, é ou um deus masculino com «g» minúsculo, ou – entre as comunidades *shakta* – uma deusa, cada um realizando a criação por união com seu parceiro. Os humanos, como seus criadores, são ou masculinos ou femininos.

Eles não podem participar da essência de Deus com «G» maiúsculo até que se tornem inteiros – embora isso, por si só, não seja suficiente.

Essa completude se realiza momentaneamente durante a união com o sexo oposto.<sup>22</sup>

No núcleo dessa doutrina está a ideia de que não pode haver morte sem ressurreição, nem perda sem restauração. A *Palavra Perdida* é um símbolo do mistério da queda e do retorno – um arcano que deve ser reencontrado por meio da união polarizada. Crowley sintetiza esse princípio com clareza:

Voltemos, por um momento, ao significado da crença. Concordamos que a palavra é sem sentido, exceto quando implica uma opinião, instinto, convicção – o que você quiser – tão profundamente arraigada em nossa natureza que agimos automaticamente como se fosse «verdade» e «certa sem erro», talvez até «da própria essência da verdade» [...]. Precisamos definir, e definir é limitar; e limitar é reduzir «Deus» a «um deus» ou, na melhor das hipóteses, a «o Deus».<sup>23</sup>

Conclui-se, portanto, que a definição do *Um Deus Verdadeiro* – se masculino, feminino ou além de ambos – depende do nível de consciência e da operação mágica do próprio Adepto. Trata-se de uma categoria espiritual que, embora inatingível em termos absolutos, pode ser momentaneamente encarnada através da união ritual dos opostos. Essa busca é sintetizada na fórmula doutrinária do Quinto Grau da O.T.O., que declara:

Visto que a Arte Real tem passado por calamidades tão terríveis, é nosso dever, excelentíssimos e perfeitíssimos Príncipes, recuperar o que foi perdido; e que a influência da Verdade, do Silêncio e do Amor prospere nossos esforços para recuperar a Palavra Perdida.<sup>24</sup>

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus.<sup>25</sup>

O princípio de separação entre os sexos nas estruturas rituais da *Ordo Templi Orientis* não foi estabelecido formalmente em documentos constitutivos, mas comunicado por Aleister Crowley por meio de cartas dirigidas a líderes específicos da Ordem. Essa ausência de sistematização normativa escrita contribuiu, posteriormente, para interpretações

---

e confidente de Crowley, sendo responsável por acompanhar a publicação de obras fundamentais como [MAGIA EM TEORIA & PRÁTICA](#) e [O EQUINÓCIO DOS DEUSES](#). Após afastar-se formalmente da O.T.O. e da A·A·, Yorke dedicou-se ao estudo comparado de religiões, com especial interesse pelo budismo tibetano, e mais tarde doou sua extensa coleção de documentos thelêmicos à Biblioteca da Universidade de Cambridge. Seu trabalho foi essencial para a preservação do corpus doutrinário de Thelema, e sua coleção – conhecida como *Yorke Collection* – constitui uma das maiores fontes primárias sobre a vida e obra de Crowley.

<sup>22</sup> Gerald Yorke. 666, *Sexo and the O.T.O.* Em ALEISTER CROWLEY, THE GOLDEN DAWN AND THE BUDDHISM. Teitan Press, 2011, pp. 19

<sup>23</sup> Aleister Crowley. MAGIA SEM LÁGRIMAS. Clube de Autores, 2024, pp. 282.

<sup>24</sup> Francis King, THE SECRET RITUALS OF THE O.T.O. LIBER AGAPE VEL LIBER C VEL AZOTH, (100). Daniel Co. Ltd., pp. 156.

<sup>25</sup> João, 1:1.

contraditórias e distorções graves da liturgia sexual-iniciática da O.T.O. Sabe-se, por exemplo, que Crowley expressou a intenção de que homens e mulheres fossem mantidos separados até o Vº Grau,<sup>26</sup> ponto de inflexão a partir do qual o discurso sobre a sexualidade mágica poderia ser tratado de modo mais aberto – desde que sob os princípios da Lealdade e da Palavra Perdida, como ocorre no próprio ritual de iniciação em Tiphereth (Vº O.T.O.).

A prática de separação ritual era observada em corpos como a *Loja Ágape* No. 1 no Canadá e a No. 2 na Califórnia, embora sem que Grady Louis McMurtry (1918-1985)<sup>27</sup> compreendesse inteiramente suas motivações ou origem. Após a morte de Karl Germer (1865-1962)<sup>28</sup> – figura que, apesar de

---

<sup>26</sup> Aleister Crowley. Carta a Charles Stansfeld Jones em 7 de março de 1919. Citada em J. Edward Cornelius. *THE SECRET SEXUAL TEACHINGS OF ALEISTER CROWLEY*. Publicação privada, 2023, pp. 30.

<sup>27</sup> Grady Louis McMurtry nasceu em 18 de outubro de 1918, em Big Cabin, Oklahoma. Foi amigo de Jack Parsons (1914-1952), que o introduziu aos escritos de Aleister Crowley. Em 5 de janeiro de 1941, Grady assistiu à sua primeira MISSA GNÓSTICA na *Loja Ágape* da O.T.O. em Pasadena, Califórnia. Ele recordava que *o templo era grande o suficiente para que houvesse pessoas de ambos os lados do altar*, e aparentemente os homens sentavam-se de um lado e as mulheres do outro. A Missa foi belamente executada, e um momento específico causou-lhe uma impressão duradoura. Ele escreveu: *Chegamos às Coletas. Ao ponto em que se diz «seiva do freixo do mundo, árvore do assombro», onde todos dizem juntos. E eu olhei para as pessoas à minha direita e à minha esquerda, e percebi: «Estas são as pessoas que eu descí para encontrar. Estas são as pessoas que eu vim procurar».* E foi assim que me tornei thelemita. Ele e sua esposa, Claire, foram iniciados no grau Minerval e no Primeiro Grau em 13 de junho de 1941. Posteriormente, ele afirmou que ambos *se adaptaram [à O.T.O.] como patos na água* e que *instintivamente estávamos em casa*. Grady serviu na Segunda Guerra Mundial. Estando estacionado na Inglaterra antes do Dia D, conheceu Aleister Crowley, que não apenas o iniciou no IXº Grau, como também lhe deu o lema mágico *Hymenaeus Alpha 777*. Em agosto de 1944, Crowley enviou a Grady a primeira das infames *Cartas do Califado*. Crowley acreditava que, sendo ele o profeta do Novo Aeon, de Thelema, assim como Maomé foi para o Islã, o título de *Califa* era apropriado para indicar a sucessão espiritual, enquanto a posição de O.H.O. (*Outer Head of the Order*) representava o aspecto material. Crowley morreu em 1947; seu herdeiro foi Karl Germer (1885-1962), e após a morte deste, Grady assumiu a liderança da O.T.O. Em 1969, Grady retornou à Califórnia.

Em 22 de março de 1970, e um mês depois, em 24 de abril de 1970, ele decidiu oficialmente buscar o grau de *Magister Templi* 8º=3º, prestando o *Juramento do Abismo*. Segundo Crowley, é direito de todo aspirante, independentemente do grau que possua, prestar tal juramento, e ninguém tem o direito de impedir. Em 1916, Crowley escreveu uma carta a Frater Achad sobre o Juramento do Abismo, na qual afirmou: *Observe que, sobre o assunto do 8º=3º, não tenho o direito de inquirir*. Se Crowley não pôde negar a reivindicação de Achad, quanto menos se poderia negar a de Grady. Anos mais tarde, em 12 de outubro de 1977, como Magus 9º=2º, Grady proferiu sua Palavra Mágica: *O.T.O.*, estabelecendo formalmente a *Grande Loja da O.T.O.* em Berkeley, Califórnia. Tristemente, Grady faleceu em 12 de julho de 1985, na Califórnia, após longa enfermidade. Estava deitado em seu leito no Brookside Hospital, em San Pablo, discutindo formas de meditação com um amigo quando murmurou: *Acho que meu caminho é mais o Caminho Sufi*. Quando questionado sobre o que queria dizer, apenas olhou para cima e respondeu: *Não sei*. Em seguida, fechou os olhos e partiu em silêncio. Grady certa vez escreveu que *o momento de suprema vergonha do eu é quando se morre. É quando se acorda*. Em outras palavras, revê-se toda a encarnação com seus méritos e falhas, balança-se a cabeça – e prepara-se para a próxima. Em 15 de julho, seu corpo foi preparado no Apollo Crematory, em Emeryville, Califórnia. Foi vestido como Saladino, com turbante e sua túnica vermelha favorita. Um buquê de rosas foi colocado em seus braços pouco antes da cremação.

As cinzas de Grady permaneceram sob a guarda da O.T.O. por quase um ano. Então, em 12 de julho de 1986, um grupo embarcou em um barco alugado no Fisherman's Wharf, em San Francisco. A cerca de três milhas da Golden Gate Bridge, com a ajuda da Neptune Society, suas cinzas foram espalhadas no Oceano Pacífico. Foi escrito: *Do fogo da cremação às águas do grande mar, por fórmula e verso, celebramos seu caminho*. Uma única rosa foi então lançada à água, cortada do mesmo arbusto do qual havia sido retirado o buquê que lhe fora colocado nas mãos na cremação. À medida que suas cinzas desapareciam lentamente sob as águas, um de seus poemas foi lido para acompanhá-lo em sua última viagem: *O Redentor que está nas Águas*.

Nota biográfica retirada de J. Edward Cornelius. GRADY LOUIS MCMURTRY: THE MAN, THE MYTH AND THE LEGEND. Publicação privada, 2023.

<sup>28</sup> Karl Johannes Germer foi um ocultista, editor e administrador da *Ordo Templi Orientis*, nascido em 22 de janeiro de 1885, em Elberfeld, Alemanha, e falecido em 25 de outubro de 1962, em West Point, Califórnia, EUA. Após uma bem-sucedida carreira como oficial militar e empresário, Germer tornou-se uma figura central no *Ocultismo* do Séc. XX ao ser reconhecido por Aleister Crowley como seu sucessor legítimo na liderança da O.T.O. no plano temporal. Iniciado nos graus superiores da Ordem, Germer assumiu um papel cada vez mais relevante

limitado em ação, ainda conservava o selo simbólico da sucessão legítima – a Ordem mergulhou num estado de suspensão iniciática. Grady McMurtry só viria a reativá-la oficialmente em 1969, sob os chamados *poderes de emergência* conferidos por Crowley, mas a essa altura já sem acesso direto às correspondências originais que detalhavam o *modus operandi* esperado por Crowley. O vácuo doutrinário que se seguiu foi ocupado por projeções individuais, especialmente de graus inferiores que sequer haviam alcançado a instrução iniciática propriamente dita sobre o *Um Deus Verdadeiro*, a *Palavra Perdida* ou os princípios que estruturam o Vº e o VIIº Graus.

É precisamente no Vº O.T.O. – o grau solar, conferido em Tiphereth (תפארת) – que o iniciado é confrontado com a questão da Lealdade. Trata-se do limiar em que não se pode mais escolher seletivamente os princípios da Ordem: ou se adere integralmente à sua teologia e à sua via operativa, ou se interrompe o processo. O ritual afirma que o iniciado recebe ali uma marca a ser tatuada sobre o coração, cuja cicatriz, indelével ao corpo, remete ao pacto feito com a Ordem e, por extensão, com o *Deus do Graal*. A marca, embora aberta à interpretação, não é um ornamento arbitrário, mas um selo de aliança *gnóstica* – uma assinatura simbólica da Vontade no campo do Sangue.

A doutrina do *Um Deus Verdadeiro*, como exposta por Crowley em suas cartas e instruções internas, não corresponde a uma entidade monoteísta, mas a um *princípio primeiro sem atributos*, conforme o ZOHAR citado anteriormente. Repito: *O Todo é informe, e é simbolizado por um círculo – é o Nada*.<sup>29</sup> A O.T.O., coerente com essa raiz cabalística, ensina que Deus não é alguém que nossas mentes possam apreender; e, embora nossos corações se dissolvam em amor, não podemos atingi-lo. Deus nunca pode ser conhecido. O que se manifesta nos graus superiores não é «um deus» dotado de forma ou identidade, mas o retorno momentâneo à totalidade pré-dual que antecede o gênero, o nome e o ser. No entanto, o acesso a essa totalidade se dá *por meio* da polaridade – e não à sua margem. Por isso, afirma-se que Deus com «G»

---

a partir da década de 1930, atuando como protetor e distribuidor dos escritos de Crowley, especialmente durante os anos de exílio e perseguição política sob o regime nazista. Foi preso em campos de concentração por suas atividades ocultistas e envolvimento com a Maçonaria, mas sobreviveu e emigrou para os Estados Unidos, onde se estabeleceu como o principal custodiante dos arquivos da Ordem.

Após a morte de Crowley em 1947, Karl Germer assumiu oficialmente a posição de O.H.O. (*Outer Head of the Order*), sendo o primeiro a exercer essa função após o profeta de Thelema. Sua principal missão foi preservar e publicar a obra literária de Crowley e outros documentos. Contudo, sua gestão foi marcada por uma profunda tensão: ao mesmo tempo em que reconhecia a importância da sucessão, Germer nunca instituiu formalmente um novo O.H.O., mantendo a estrutura da Ordem deliberadamente suspensa. Tal postura contribuiu para o colapso organizacional da O.T.O. na década de 1950, deixando um vácuo de autoridade que só seria reivindicado posteriormente por Grady McMurtry, sob alegada autorização emergencial de Crowley.

A ausência de diretrizes claras por parte de Germer abriu espaço para disputas internas, sendo a mais notória delas protagonizada por Marcelo Ramos Motta (1931–1987), ocultista e escritor brasileiro, que se apresentava como herdeiro espiritual de Germer e legítimo continuador da O.T.O. Motta foi aluno de Germer por correspondência, tendo sido admitido na A·A·e e envolvido parcialmente nos assuntos da Ordem. Após a morte de Germer, Motta reivindicou publicamente o legado thelêmico e iniciou longos embates jurídicos e editoriais com outros pretendentes ao trono da O.T.O., como Kenneth Grant e Grady McMurtry. Sua trajetória é marcada tanto por um esforço de difusão séria da obra de Crowley quanto por disputas acirradas e declarações polêmicas, especialmente nos anos 1970 e 1980. A querela entre Motta e os demais continuadores da Ordem perdura como um dos capítulos mais controversos da história moderna de Thelema.

Nota biográfica retirada de J. Edward Cornelius. GRADY LOUIS MCMURTRY: THE MAN, THE MYTH AND THE LEGEND. Publicação privada, 2023.

<sup>29</sup> J.F.C.Fuller. THE STAR IN THE WEST. Forgotten Books, 2018, pp. 251.

maiúsculo é causa de tudo, destituído de atributos, origem de masculino e feminino; enquanto os criadores – deuses com «g» minúsculo só podem operar criação através da união com seu oposto.

Dessa estrutura deriva-se a justificação esotérica da separação dos sexos nos graus inferiores: antes de ser totalidade, o iniciado deve ser polaridade íntegra. E essa integridade se revela ritualmente quando o iniciado é capaz de cumprir a função de sua própria natureza no arcano da magia sexual. Quando esse discernimento se perde, quando os sexos se misturam sem compreensão de suas funções, a magia degenera em projeção. O que deveria ser *hieros gamos* se transforma em catarse coletiva. O que deveria ser Silêncio e Lealdade se torna voz e dissociação.

Foi precisamente isso que se verificou no final dos anos 1970. Sem acesso às cartas de Crowley, e sem clareza quanto à função dos graus médios, os membros da O.T.O. reativada passaram a interpretar os *mistérios sexuais* de forma literal, psicológica ou libertária, conforme os valores da contracultura californiana. A proliferação de cópias não autorizadas do THE SECRET RITUALS OF THE O.T.O. de Francis King, desprovidas de aparato simbólico ou formação ritualística adequada, contribuiu ainda mais para esse processo de vulgarização. A obsessão pelo sexo – dissociado da *Palavra Perdida*, do *Falo Solar* e da *Lança Consagrada* – abriu as portas para a *Qliphoth*, ou seja, para um influxo de forças residuais, informes, alimentadas não pelo Elixir, mas pelos desejos e projeções dos iniciados mal preparados.

Esse quadro é particularmente agravado pelo fato de que os princípios de Verdade (אמת), Silêncio (שתיקה) e Amor (אהבה), que deveriam nortear os graus centrais da Iniciação, foram ignorados ou reinterpretados à luz de valores políticos. A magia sexual, ao invés de ser uma via sacrificial de realização da Vontade, tornou-se um campo de disputa ideológica, especialmente no tocante ao papel das mulheres. A recusa de muitos grupos feministas em aceitar que os mistérios da O.T.O. fossem originalmente centrados no masculino – não por arbitrariedade, mas por estrutura simbólica – levou à rejeição daquilo que mais tarde seria interpretado como uma *privatização fálica da Palavra*. O fato de não poderem pronunciar a Palavra Sagrada do IIIº, por não possuírem o PHALLUS gerador do Elixir, tornou-se para muitas iniciadas um símbolo de exclusão. E, como resposta, iniciou-se um processo inconsciente de tentativa de destronar o masculino do seu pedestal divino.

Mas o esoterismo não é campo de reivindicação, e sim de operação. A união Nuit-Hadit, representada no símbolo *Yin-Yang*, pressupõe polaridade plena: o Círculo (*Yin*) e o Ponto (*Yang*), o Graal e a Lança. Nenhum pode subsistir sem o outro – e nenhum pode ser abolido em nome de igualdade, pois igualdade é horizontalidade, e os Mistérios são verticais.

A união dos polos masculino e feminino, no simbolismo da O.T.O., corporifica a divindade solar Ra-Hoor-Khuit, manifestação ativa da Vontade e do *Logos* criador. No entanto, a estrutura dessa união é assimétrica em sua forma operativa, pois baseia-se na polaridade entre os princípios doador e

receptivo – *Yang* e *Yin*. Não se trata de censurar as mulheres por seguirem a natureza de suas Estrelas; homens e mulheres igualmente devem cumprir seu curso celeste. Mas ao homem cabe o reconhecimento consciente das forças envolvidas, a fim de não se deixar dominar por seus movimentos ocultos. Aleister Crowley adverte nesse sentido: *Ó meu Filho, aprende isto sobre a Magia: o Yang move-se, e assim se entrega eternamente; mas o Yin não se move, buscando sempre circunscrever ou restringir*.<sup>30</sup>

Com o tempo, e sob a influência de tendências ideológicas contemporâneas, as estruturas simbólicas originais da O.T.O. começaram a ser reformuladas. O feminismo adentrou discretamente os círculos rituais, e com ele iniciou-se uma desvalorização da centralidade fálica da Palavra. O PHALLUS foi recuado à condição de vestígio arcaico; a Palavra permaneceu oculta. Em consequência, o órgão masculino tornou-se símbolo de impotência – *intimidado* e enfraquecido frente à nova ordem de discurso. A interpretação dominante passou a sustentar que Crowley empregava o termo PHALLUS de forma neutra em relação ao gênero. Muitos homens aceitaram essa leitura, sem perceber a gravidade do que ela implicava. Como alerta Alain Daniélou: *O homem que despreza o próprio símbolo do princípio vital abandona sua espécie aos poderes da morte. E os homens balião, curvando as cabeças em submissão, e baliram como carneiros dentro de um cercado*.<sup>31</sup>

Na década de 1990, a O.T.O. passou a promover uma nova interpretação: o PHALLUS seria apenas uma metáfora simbólica para o princípio dinâmico presente em homens e mulheres. Tal afirmação, embora contenha um aspecto simbólico válido, é profundamente enganosa e representa uma forma de abstração que dissolve o núcleo ritual do IXº Grau. A tradição taoísta já reconhecia dois tipos distintos de sêmen no corpo humano: o *sêmen original* (a essência vital) e o *sêmen físico* (o fluido seminal propriamente dito). Ambos são chamados genericamente de sêmen, mas apenas o segundo é um subproduto material, produzido exclusivamente pelo corpo masculino.

No sistema de Crowley, esses dois aspectos são representados cabalisticamente: o sêmen físico é identificado com o Filho (*Vav* no *tetragramaton*), enquanto o sêmen original – o elemento espiritual que habita o fluido seminal – é chamado de Filha (segundo *He* no *tetragramaton*). Compreender essa distinção é essencial para operar a fórmula do IXº Grau. É importante observar que o uso do termo PHALLUS nas tradições esotéricas, incluindo Thelema, sempre designou um objeto físico, duro, carnoso, situado entre as pernas do homem que, ao se erguer, emite sêmen. O PHALLUS não é uma abstração. Ele é, historicamente, o veículo do princípio criador divino – a arma do Um Deus Verdadeiro para lançar sua semente sobre o universo. Trata-se de um símbolo funcional, operante, e não uma metáfora neutra.

Sempre que o termo PHALLUS é mencionado ao longo da história – e distinto do pênis flácido, jambrado – ele representa o veículo do princípio criador divino, a fonte da vida e o processo pelo qual o Um Deus Verdadeiro

---

<sup>30</sup> Aleister Crowley. LIBER ALEPH. Clube de Autores, sem data, pp. 85.

<sup>31</sup> Alain Daniélou em THE PHALLUS: SACRED SYMBOL OF MALE CREATIVE POWER. Inner Traditions, 1995, pp. 1.

lança sua semente para procriar no Universo. Esse princípio não é encontrado nas mulheres.

No entanto, a O.T.O. nos anos 1990 sob a administração de William Breeze (n. 1955),<sup>32</sup> ignorando tais fundamentos, instituiu essa nova linguagem *neutra em gênero* como uma tentativa de encerrar um debate que só aprofundou a confusão a respeito dos mistérios sexuais da Ordem – especialmente entre iniciadas feministas. Em termos rituais e simbólicos, magia fálica diz respeito ao conhecimento preciso da estrutura geradora masculina que, segundo Crowley, está localizada no que ele chamou de *Tubo Prometeico*.<sup>33</sup> O feminino possui seus próprios mistérios, baseados em sua anatomia e funções simbólicas específicas, e é em torno deles que seus rituais e mitologias deveriam ser construídos.

Em 2001 após retornar de uma MISSA GNÓSTICA no Oásis Quetzalcoatl, no Rio de Janeiro, anotei em meu diário, lembrando das instruções que recebi de Frater S.S.: *Uma das irmãs na O.T.O. afirmou que a ciência está prestes a criar sêmen, e que, uma vez isso feito, os homens se tornarão obsoletos! É como se ela estivesse defendendo a construção de uma nova Torre de Babel, rumo a Deus! Coelhinha tola, estúpida, desembestada e decadente. O segredo não é o sêmen, é aquele «algo» dentro do sêmen – o dom do fogo concedido aos homens pelos Deuses – e que não pode ser fabricado em laboratório.*

Do ponto de vista filosófico, o feminismo contemporâneo ultrapassou os limites da crítica justa ao machismo e a misoginia, passando a atacar a masculinidade como tal. Isso é perceptível quando vozes femininas dentro da

---

<sup>32</sup> William Breeze nasceu em 12 de agosto de 1955, em Paris, França. Foi cofundador da Mystic Fire Videos, empresa responsável pelo lançamento de diversos filmes de Kenneth Anger (1927-2023), mas deixou a companhia em 1993 para seguir outros interesses. Em meados da década de 1970, associou-se a Marcelo Ramos Motta (1931-1987), que o descreveu em *THE EQUINOX*, Vol. V, no. 4 (1981), como *um ex-Probacionista que não manteve seu Juramento nem cumpriu sua Tarefa, e que por isso foi cortado do contato*. Breeze nunca ingressou oficialmente na A·A·A·. De fato, pouco antes de ser expulso por Motta, ele admite que *desistiu, justo antes de receber o aviso*. Um clássico: *Você não pode me demitir, porque eu pedi demissão!* Em agosto de 1978, Breeze foi iniciado no grau Minerval (0°) da *Ordo Templi Orientis*. Nos anos seguintes, progrediu pelos graus da série do Homem da Terra, alcançando o IV° e o P.I. na Loja Tahuti, em Nova York, em janeiro de 1985.

Foi eleito *Outer Head of the Order* (O.H.O.) da *Ordo Templi Orientis* em 21 de setembro de 1985, sucedendo Grady Louis McMurtry (Frater *Hymenaeus Alpha* 777), falecido em julho do mesmo ano. Breeze é atualmente conhecido como Frater *Hymenaeus Beta*. Recebeu os graus de V° e VI° da O.T.O. na Loja Baphomet, em 1987. É também um dos fundadores, juntamente com Daniel Gunther (1950-2024), de um ramo dissidente da A·A·A· ligado à linha de instrução de Marcelo Motta, estabelecido no início dos anos 1990. Alguns dizem que a loucura corre em certos galhos da árvore genealógica – algo que se torna evidente quando, assim como seu predecessor na Ordem, Motta, Breeze também afirma ser um dos *herdeiros* de uma Ordem (isto é, da A·A·A·) à qual, segundo críticos, não teria direito legítimo. Em tom mais leve, Breeze é também membro da banda experimental Coil, tocando violino elétrico desde 1997, além de guitarra, baixo e eletrônicos. É editor de diversas obras de Aleister Crowley, com comentários considerados excelentes, embora tenha adquirido certa notoriedade por, ocasionalmente, alterar ligeiramente as palavras originais da Besta para ajustá-las a suas convicções pessoais. Nota biográfica retirada de J. Edward Cornelius. *THE CULT OF ALEISTER CROWLEY: BEING A TRUE HISTORY OF THELEMA FROM IT'S BEGINNING UNTIL THE PRESENT*. Publicação privada, 2021.

<sup>33</sup> Há diferentes versões da lenda de Prometeu. Mas, segundo a tradição grega, quando Prometeu vivia entre os humanos, observou que, enquanto os deuses desfrutavam do conforto, os homens ainda habitavam cavernas e outros lugares frios sobre a terra. Movido por compaixão, ele roubou o fogo do Monte Olimpo, escondeu-o dentro de um tubo oco e o trouxe à Terra, onde o entregou à humanidade. Esse mito também é espelhado nas narrativas de Adão e na tomada de consciência de seu pênis tornando-se ereto – como se fosse um tubo oco. Eva, assim como Pandora – ambas arquétipos da *primeira mulher* – foram criadas por Deus (Zeus) para neutralizar a bênção do fogo. O LIBER AGAPE declara: *[S]obre a Terra está [o] representante [de Deus], o Sagrado Eidolon dentro da Arca da Aliança [...], a Vara pela qual Prometeu trouxe o Fogo do céu*. Francis King, *THE SECRET RITUALS OF THE O.T.O. LIBER AGAPE VEL LIBER C VEL AZOTH*, (100). Daniel Co. Ltd., pp. 218.

O.T.O. denunciam os mistérios masculinos como estruturas excludentes, exigindo inversão simbólica ou simetria ritualística. Tais posições projetam inseguranças pessoais sobre o sistema, ao mesmo tempo em que se mobilizam contra toda manifestação arquetípica do masculino.

Esse movimento adota frequentemente uma estratégia retórica moderna conhecida como *kafkatrapping* – termo baseado no romance O PROCESSO, de Franz Kafka (1883-1924). Trata-se de um argumento aparentemente racional, mas logicamente infalsificável, que visa induzir no interlocutor um sentimento de culpa. A negação da acusação, paradoxalmente, é usada como prova adicional de sua veracidade: homens estão sempre errados, estão sempre culpados e são maus. Esse dilema levou ao surgimento do moderno movimento mitopoético masculino, que surgiu por meio dos escritos de Robert Bly (1926-2021) como reação às acusações repetidas e injustificadas do movimento feminista a respeito da misoginia, que tende a gritar alto para abafar todas as outras vozes e atrair atenção apenas para suas próprias causas.

Muitos desses discursos ignoram o fato de que o termo *chauvinismo* é, em sua definição original, neutro em termos de gênero: uma atitude segundo a qual os membros do seu próprio sexo são sempre melhores do que os do sexo oposto. Essa definição implica que o chauvinismo pode ser tanto masculino quanto feminino. Mulheres que assumem essa postura tornam-se exatamente aquilo que mais detestam nos homens.

O feminismo, embora bom de um lado, é considerado mau do outro se desequilibrar a balança. Abaixo do Abismo todo princípio está banhado em dualidade! De todo modo, o principal objetivo do movimento mitopoético masculino foi libertar os homens das restrições impostas por essas mulheres amargas, que tentavam impedi-los de entrar em contato com sua própria natureza masculina.

## CONCLUSÃO

A análise que aqui empreendemos revela com clareza que a crise contemporânea da O.T.O. e, por extensão, da magia sexual thelêmica, está intimamente ligada à erosão da linguagem simbólica tradicional e à incapacidade coletiva de sustentar o arcano do PHALLUS como estrutura metafísica, energética e operativa. A Palavra Perdida, enquanto conceito ritualístico, metafísico e iniciático, não é apenas som ou nome esquecidos, mas a encarnação do Verbo criador no corpo do operador. Sua perda coincide, não por acaso, com a deterioração do PHALLUS enquanto símbolo sagrado – substituído ora por abstrações psicológicas, ora por representações neutras que ignoram a arquitetura polarizada da tradição esotérica.

O feminismo, enquanto movimento histórico de correção de desigualdades estruturais, produziu contribuições legítimas e necessárias ao debate social moderno. No entanto, ao ser transposto de forma acrítica para o domínio da teurgia e da magia sexual, converteu-se em instrumento de

dissolução simbólica, promovendo a rejeição de estruturas fundadas não em convenções sociais, mas em princípios metafísicos. A exigência de simetria ritual e a negação da centralidade fálica do IX° O.T.O. ignoram que os mistérios da magia sexual operam sobre um modelo polarizado, e não igualitário. Assim, o desejo de inverter os símbolos, ou de dessexualizá-los, não emancipa: esvazia. A linguagem sagrada não admite revisionismo ideológico sem perda da eficácia.

Se a O.T.O. moderna deseja recuperar a Palavra Perdida, deverá antes recuperar o sentido da Imago. Pois o mistério do PHALLUS não é a glorificação do homem sobre a mulher, mas a enunciação de um símbolo axial que, quando unido ao Graal, instaura a *hierogamia* da nova Estrela. Ignorar essa Imago em nome de abstrações igualitárias é trair a própria ontologia do Rito. E como nos ensina a tradição, a magia não responde a intenções sentimentais, mas a proporções arquetípicas. Ao dissolver a Imago, dissolve-se também o acesso ao Nome. E sem o Nome, não há Verbo. E sem o Verbo, não há Criação – apenas ruído.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Este ensaio é um excerto do livro A LANÇA & O GRAAL, em breve publicado em uma edição de O OLHO DE HOOR. Este é um *Jornal de Pesquisas Thelêmicas* produzido pelo *Outer College Brasil*, linha de transmissão da A∴A∴ através de Frater AHA-ON, 777 ∴.